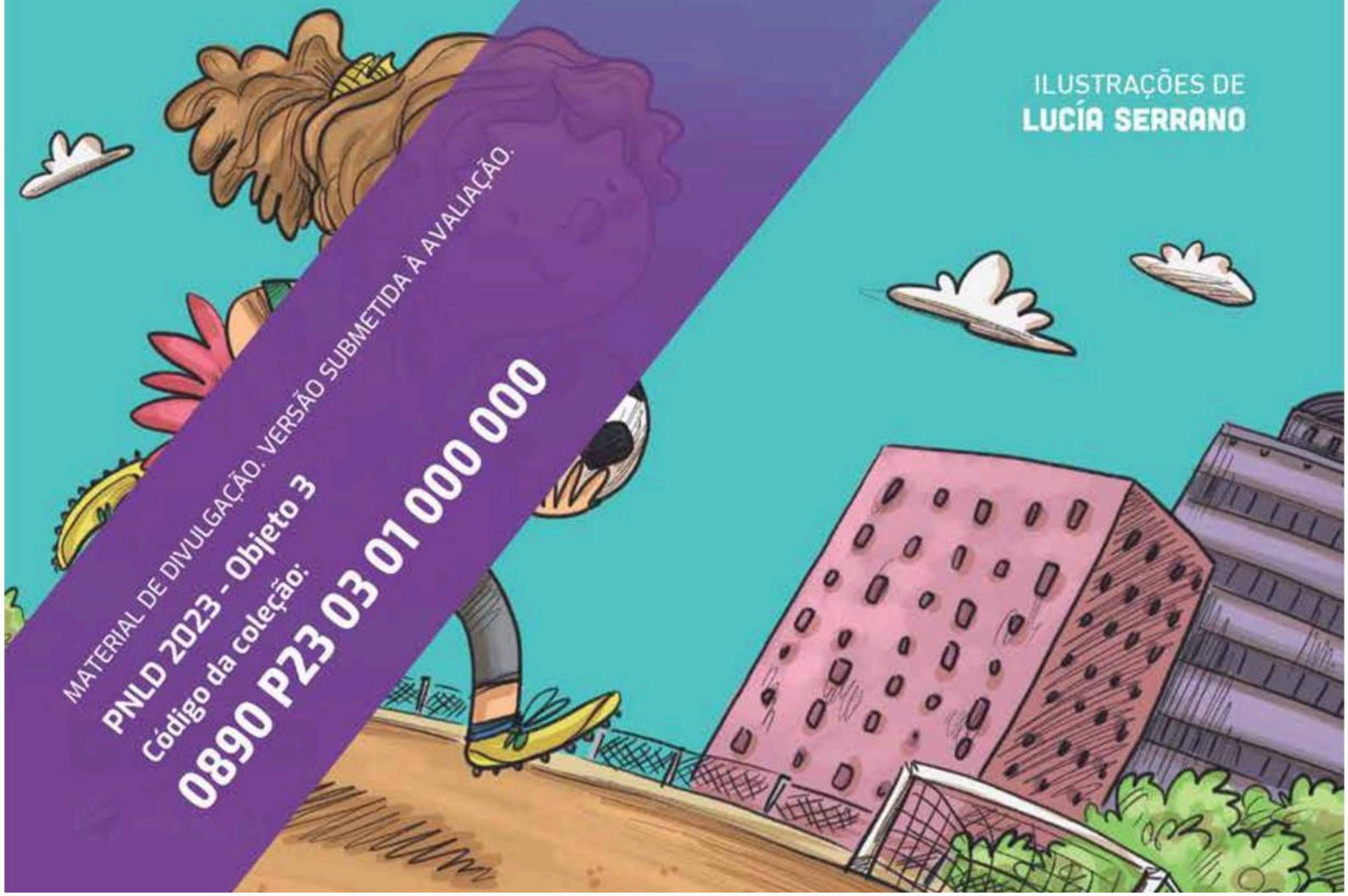
ILAN BRENMAN

# A MENINA QUE AMAVA FUTEBOL

ILUSTRAÇÕES DE
**LUCÍA SERRANO**



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 3
Código da coleção:
0890 P23 03 01 000 000

ILAN BRENMAN

# A MENINA QUE AMAVA FUTEBOL




ILUSTRAÇÕES DE
**LUCÍA SERRANO**

1ª edição
2021

LIVRO DO PROFESSOR

EDITORA PITANGUÁ

MODERNA

© ILAN BRENMAN, 2021

| | |
|---|---|
| COORDENAÇÃO EDITORIAL | Maristela Petrili de Almeida Leite |
| EDIÇÃO DE TEXTO | Marília Mendes |
| COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE | Camila Fiorenza |
| PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Isabela Jordani |
| ILUSTRAÇÃO DE CAPA E MIOLO | Lucía Serrano |
| COORDENAÇÃO DE REVISÃO | Elaine Cristina del Nero |
| REVISÃO | Mônica Surrage, Marina Oliveira e Nair Hitomi Kayo |
| COORDENAÇÃO DE *BUREAU* | Rubens M. Rodrigues |
| PRÉ-IMPRESSÃO | Everton L. de Oliveira, Vitória Sousa |
| COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL | Wendell Jim. C. Monteiro |
| IMPRESSÃO E ACABAMENTO | |

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Brenman, Ilan
A menina que amava futebol : livro do professor / Ilan Brenman ; ilustrações de Lucía Serrano. – 1. ed. – Guarulhos, SP : Editora Pitanguá, 2021.

ISBN 978-65-89993-01-8

1. Literatura infantojuvenil I. Serrano, Lucía. II. Título.

21-79820 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados

EDITORA PITANGUÁ LTDA.
Av. Papa João Paulo I, 2258 – galpão 1 Papa – sala 01
Vila Aeroporto - Guarulhos – SP – CEP 07170-350

Impresso no Brasil
2021

OBRAS SÃO AUTORIZADAS E CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

DE ACORDO COM AS NOVAS NORMAS ORTOGRÁFICAS

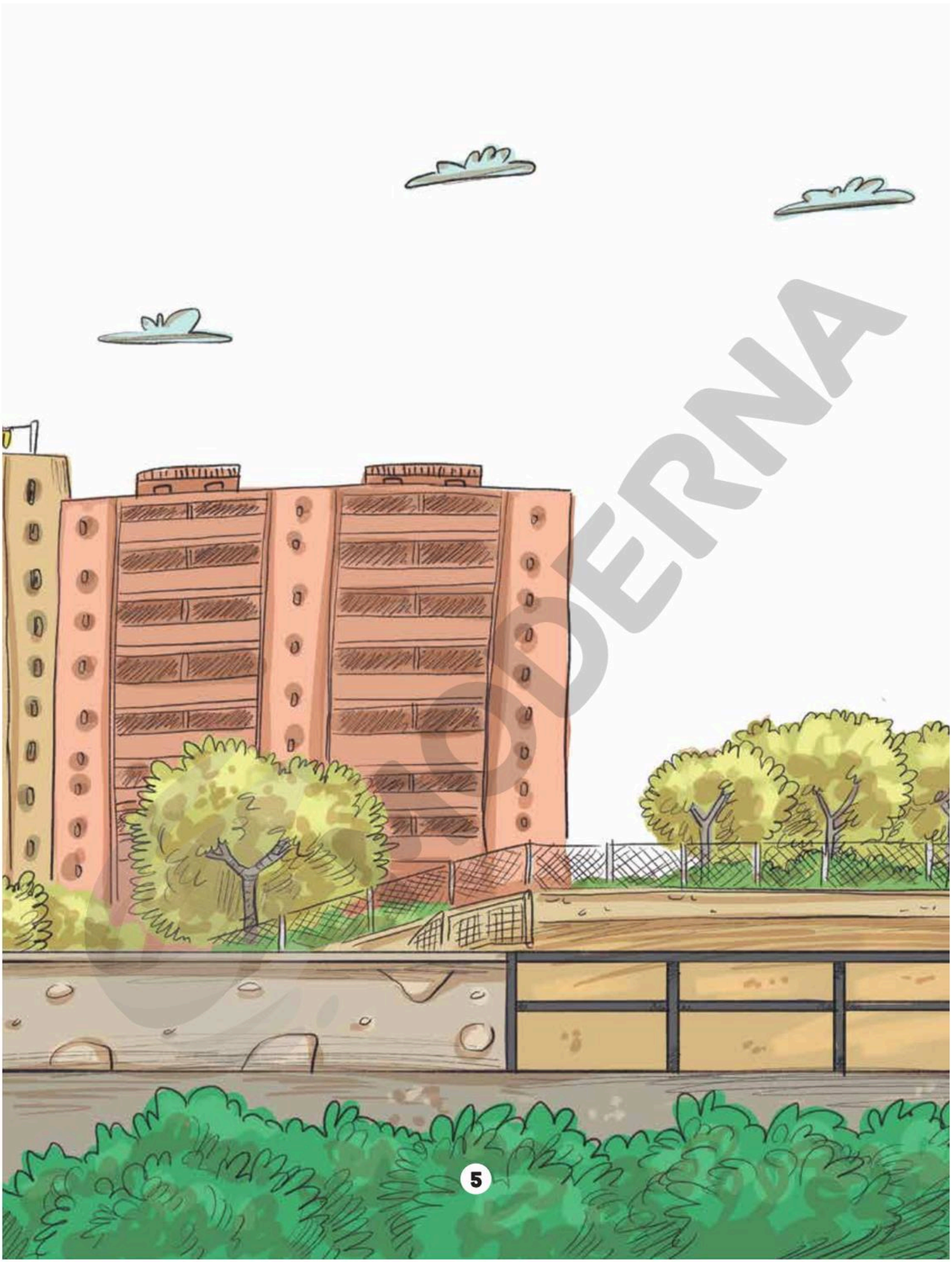
PARA TODAS AS MENINAS DO MUNDO
QUE GOSTAM DE FUTEBOL.



MODERNA

Ana tinha 7 anos. Era uma menina inteligente e sapeca. Gostava de brincar com bonecas, de pular corda e amarelinha, mas o que mais ela amava era acompanhar seu irmão Mateus ao campinho de futebol do lado de sua casa.





MODERNA



MODERNA



A primeira vez em que ela se sentou no chão batido de terra para ver o jogo de futebol da turma do irmão mais velho ficou marcada para sempre em sua memória: os meninos correndo atrás de uma bola de couro, os gritos, os dribles, as faltas, as brigas, a felicidade de fazer o gol, a tristeza de levar um gol e, no final, os abraços, as despedidas e as promessas de outros jogos.

Naquele dia, o feitiço do futebol havia enredado Ana para sempre.



MODERNA





Ana era presença cativa nos jogos do irmão. Torcia, roía as unhas, começava a entender as regras e as táticas do jogo. Um dia, correu em direção ao irmão e arriscou:

— Mateus, posso jogar com vocês?

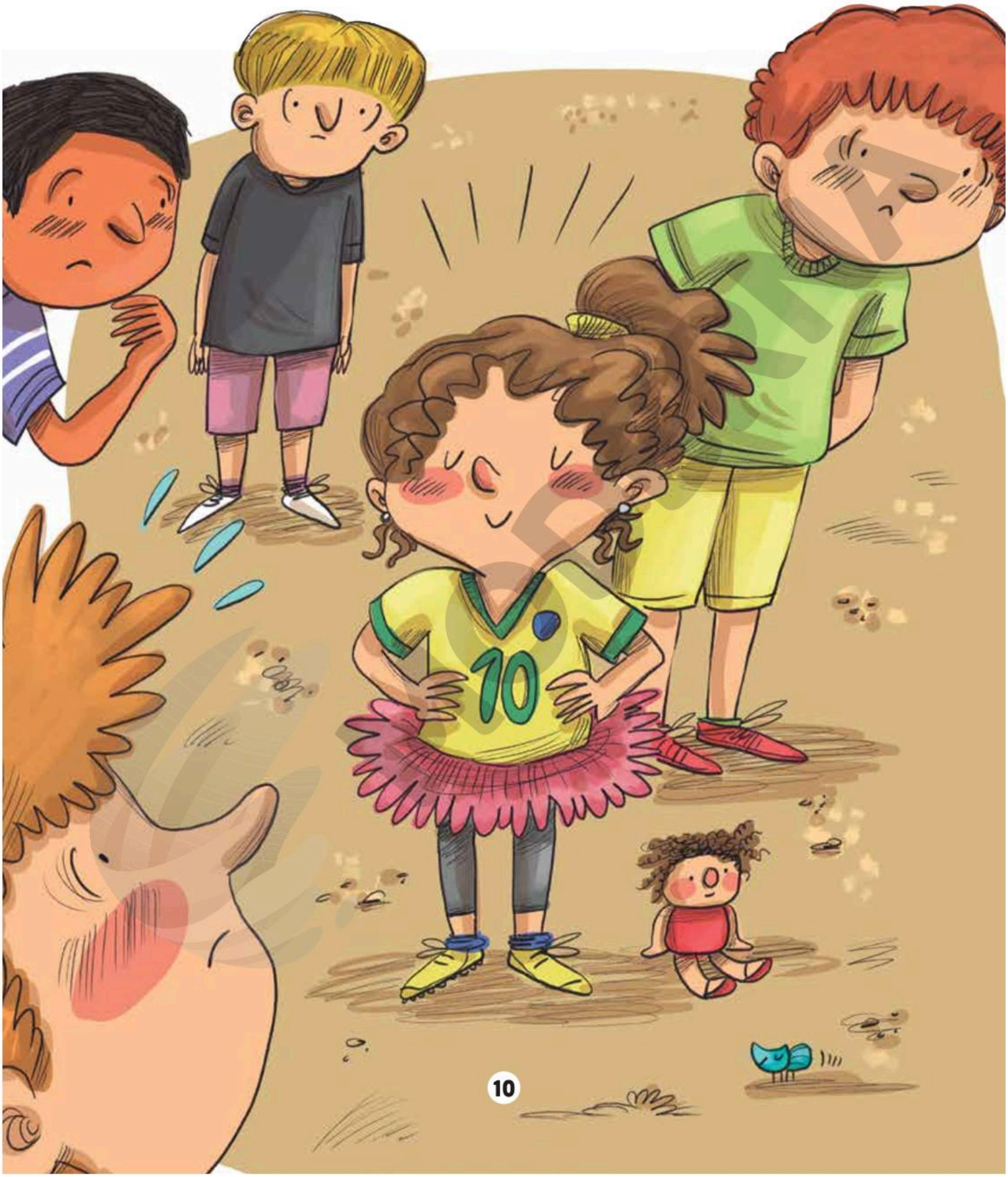




MODERNA



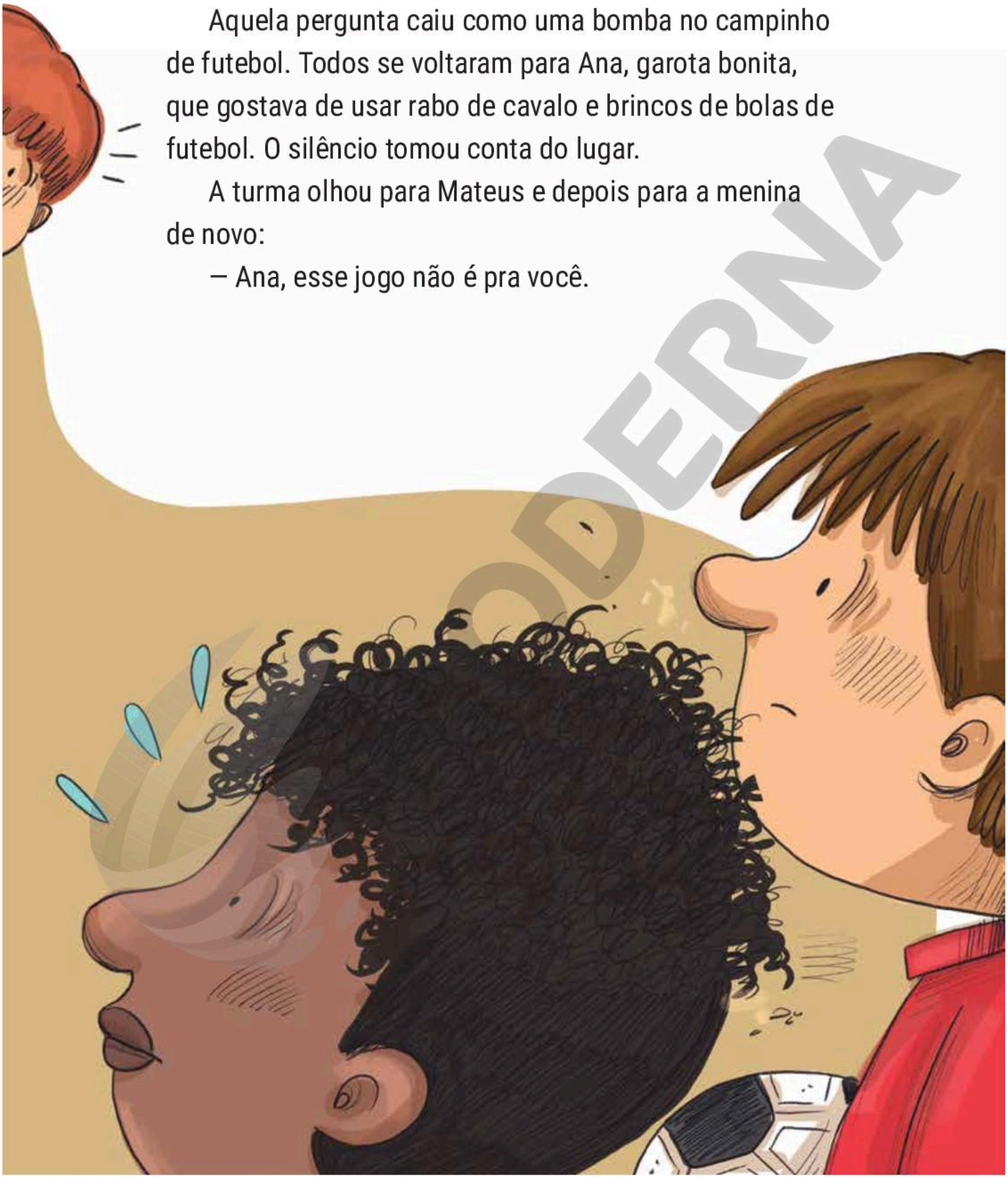
KOPIJA


10

Aquela pergunta caiu como uma bomba no campinho de futebol. Todos se voltaram para Ana, garota bonita, que gostava de usar rabo de cavalo e brincos de bolas de futebol. O silêncio tomou conta do lugar.

A turma olhou para Mateus e depois para a menina de novo:

— Ana, esse jogo não é pra você.



MODERNA

Um alívio pareceu tomar conta de todos aqueles meninos. Ana abaixou a cabeça, entristecida. Enquanto voltava para seu lugar, Mateus, que adorava a irmã, teve uma ideia:

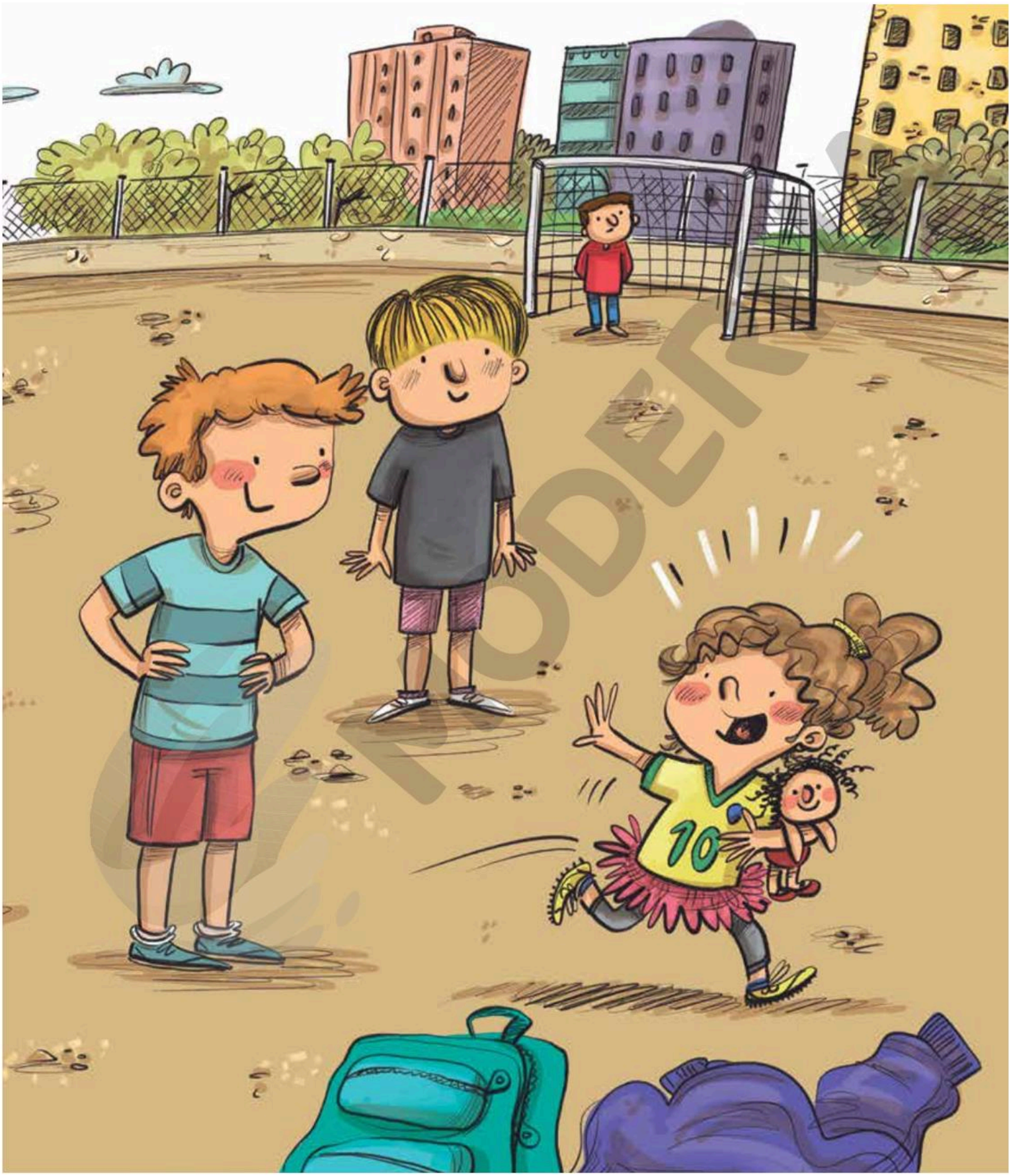
— Ana, você quer ser a **JUÍZA DO JOGO?**

Ela deu um salto de alegria, pelo menos estaria no campo com eles.

— Já volto, um segundo — disse, saindo em disparada para casa.



MODERNA


10





Poucos minutos depois, lá estava a menina com um apito no pescoço. Ana pegou a bola na mão, colocou-a no centro do campinho, fez os times se cumprimentarem e falou as regras — ela também estava com seu relógio, que cronometrava o tempo.

— É uma aula de futebol? Queremos jogar, juiz! — disse Rafa, amigo de Mateus.

Ana adorou ouvir a palavra **"JUIZ"**. Ela olhou o relógio e...

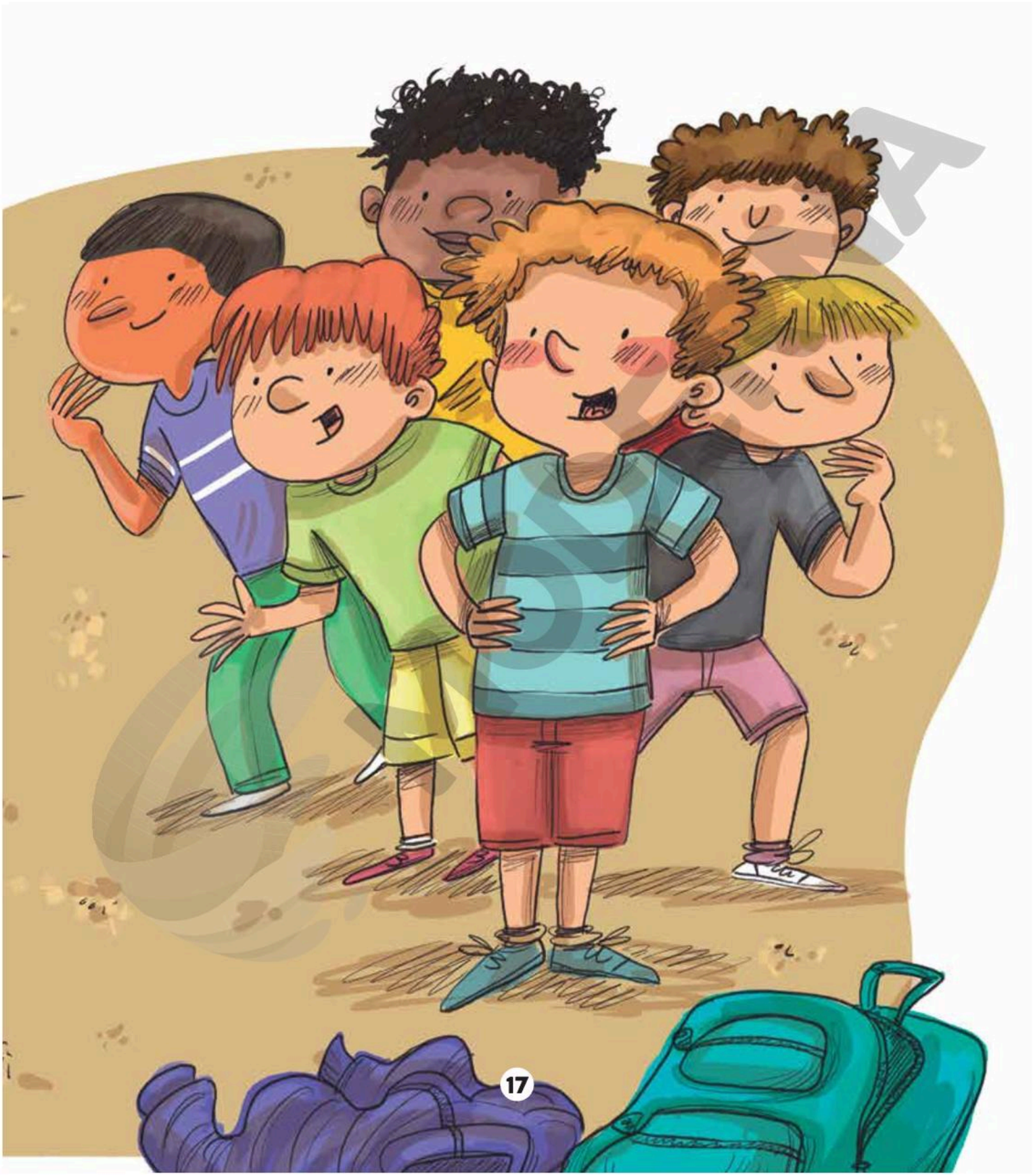
— Esperem, esqueci algo importante! — E novamente saiu correndo para casa.

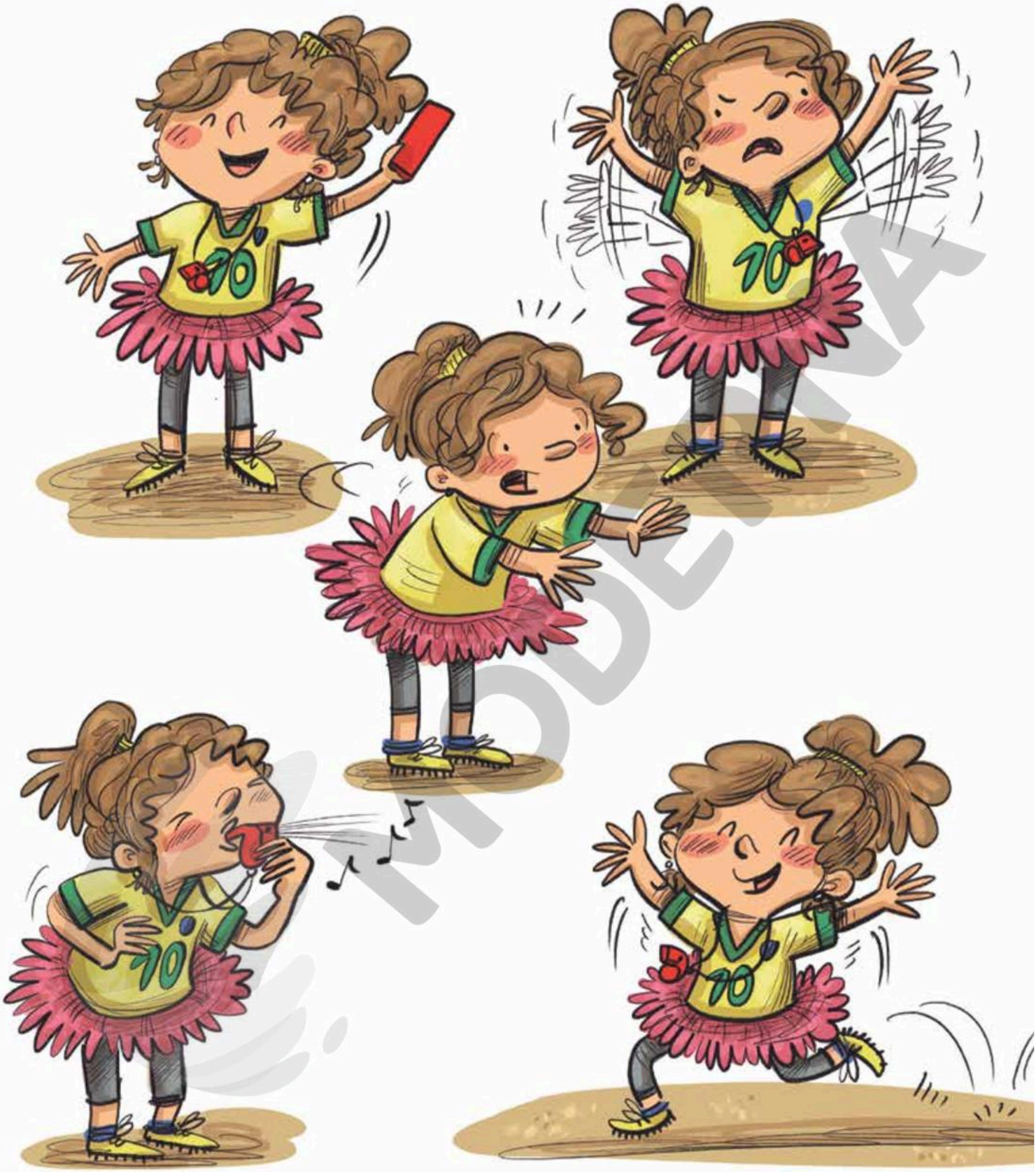
MODERNA

Ao voltar, ela mostrou para todos dois cartões que havia pintado com guache: um amarelo e outro vermelho.

A turma adorou aquilo — daria um ar mais profissional ao jogo.







MODERNA



Ana finalmente deu o apito inicial. O jogo foi fabuloso. A juíza estava sempre perto do lance, marcando faltas, exigindo respeito dos jogadores, brigando com quem xingava, até pênalti ela deu. Os meninos terminaram a partida felizes da vida, sentindo-se **PROFISSIONAIS DA BOLA.**

— Ana, você vem para o próximo jogo? — todos perguntaram.

Ela ficou exultante. Tudo bem que o que ela queria mesmo era jogar com eles, mas aquilo já era um bom começo.



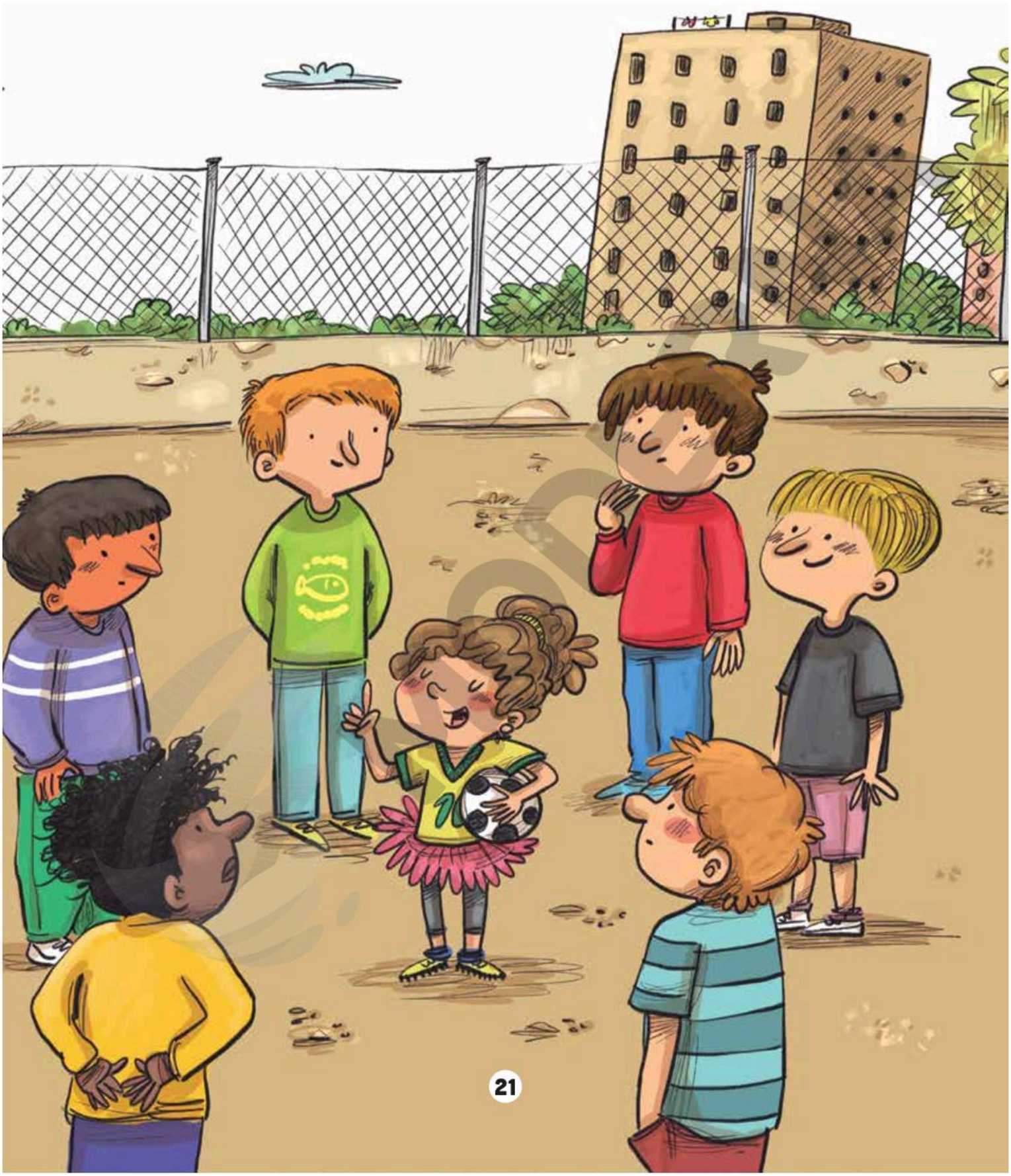
Ana apitou muitos jogos dos meninos. Eles a **RESPEITAVAM**. Ela ficou tão conhecida como juíza, que outros times de outros bairros começaram a convidá-la para apitar seus jogos. Mas o **SONHO DE JOGAR** nunca havia saído de dentro dela, e um dia a chance apareceu.

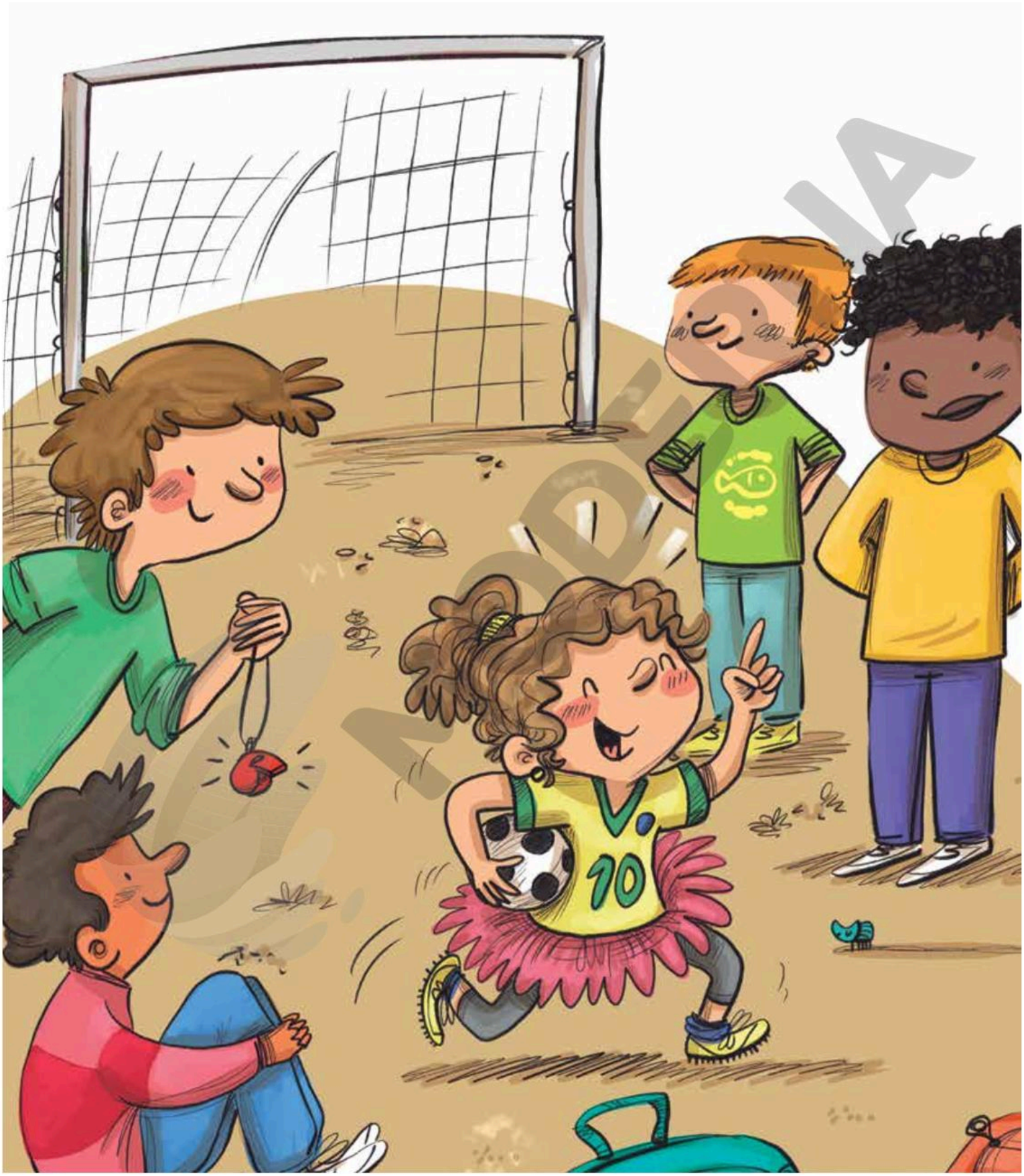
– Cadê o Rafa? – perguntou Ana antes de começar o jogo.

– Ele está gripado, não vem hoje – respondeu Mateus.

**– ENTÃO EU JOGO NO LUGAR DELE!** – disse Ana.

– E quem vai apitar? – perguntou Badu, vizinho de Ana.




10

Ana olhou para os lados e viu Carlinhos, um menino de 10 anos que tinha o sonho de ser juiz de futebol — ela havia percebido isso desde o início —, mas, como ele era muito tímido, nunca tinha dito nada.

— Carlinhos, toma meu apito, meu relógio e meus cartões.

Um sorriso do tamanho de uma trave abriu-se na boca de Carlinhos. Ele pegou aqueles objetos como se fossem relíquias egípcias.

— Pronto, temos um juiz, agora **VAMOS JOGAR** — disse Ana.



MODERNA

Os meninos se olharam, não havia o que fazer. Então, o Alfredinho gritou de um dos gols:

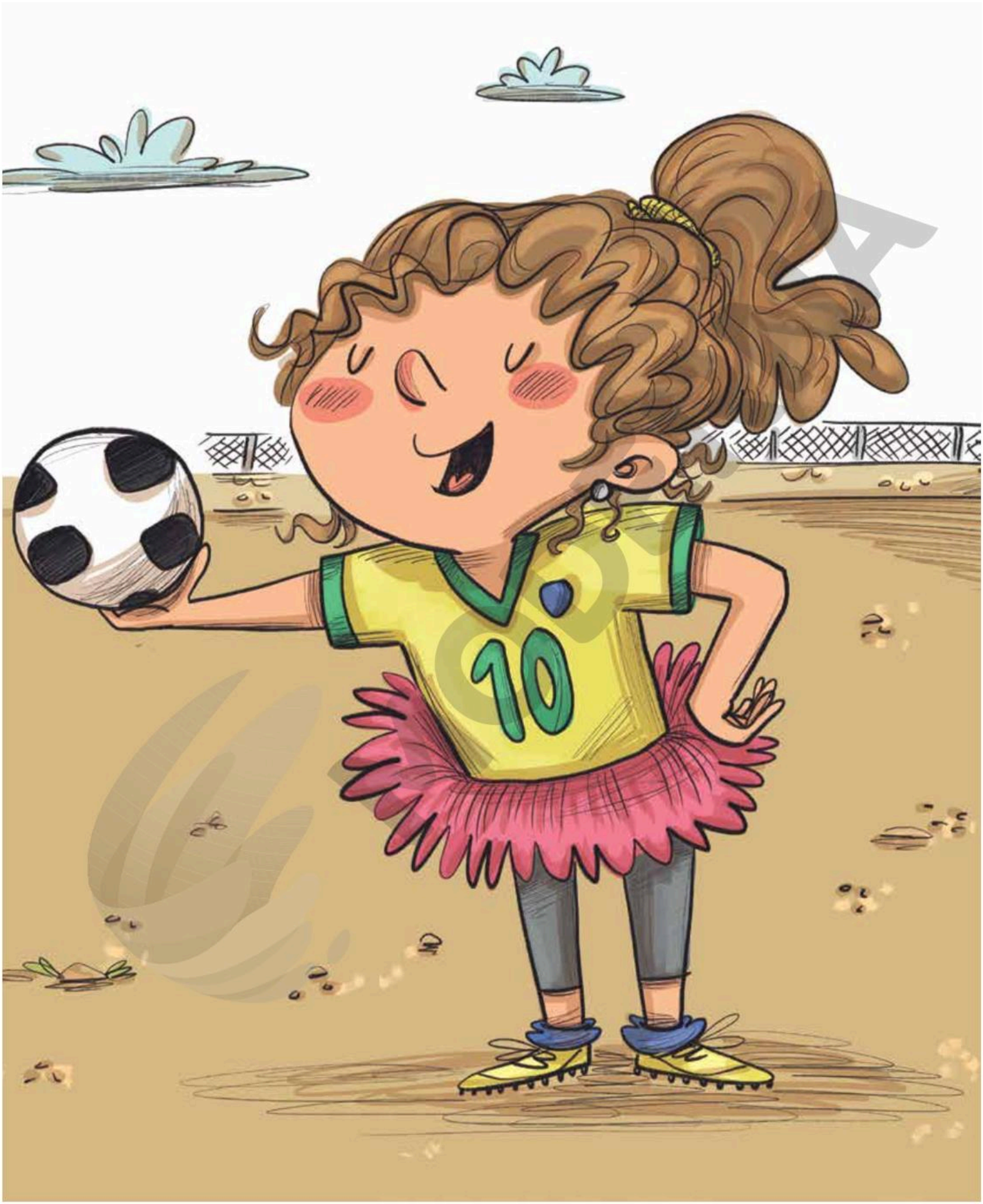
**— DEIXA ELA JOGAR! ELA É CAFÉ COM LEITE!**

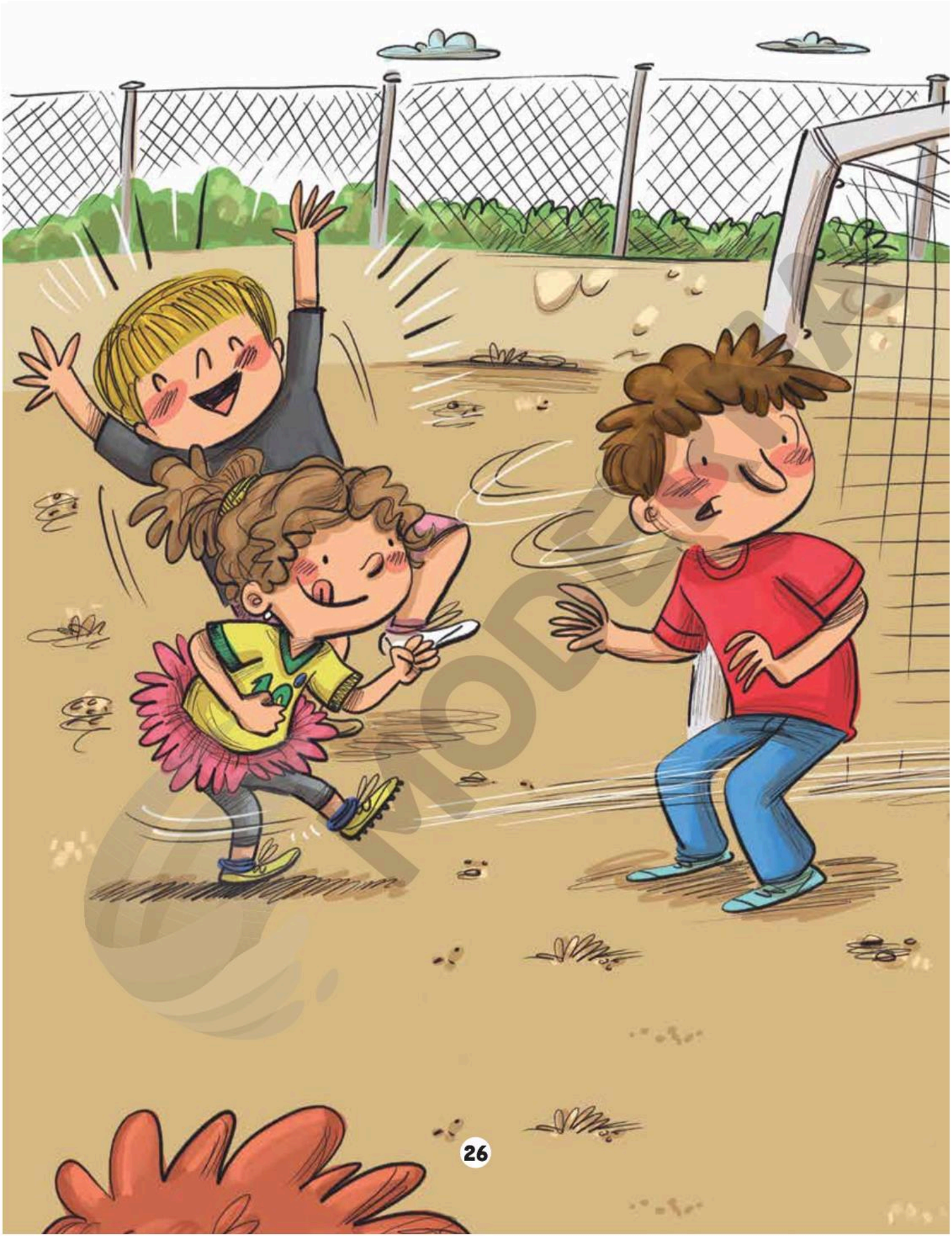
Tal expressão, que queria dizer que eles não a levariam a sério, não abalou a menina, que amava futebol. Ana ficou séria e, mesmo com os meninos rindo, respondeu:

**— CAFÉ COM LEITE É MELHOR QUE NADA, VAMOS JOGAR!**



MODERNA


10





Carlinhos, emocionado, colocou a bola no centro do campinho e apitou!

Mateus pegou a bola e passou para Ana. Ela tinha **TALENTO**! Parou a bola com maestria, olhou para o campo e começou a correr com a bola grudada no seu pé esquerdo. **DRIBLOU UM, DOIS, TRÊS,** foi em direção ao gol do Alfredinho e **CHUTOU ENTRE AS PERNAS DO GOLEIRO! GOLAÇO!**

MODERNA

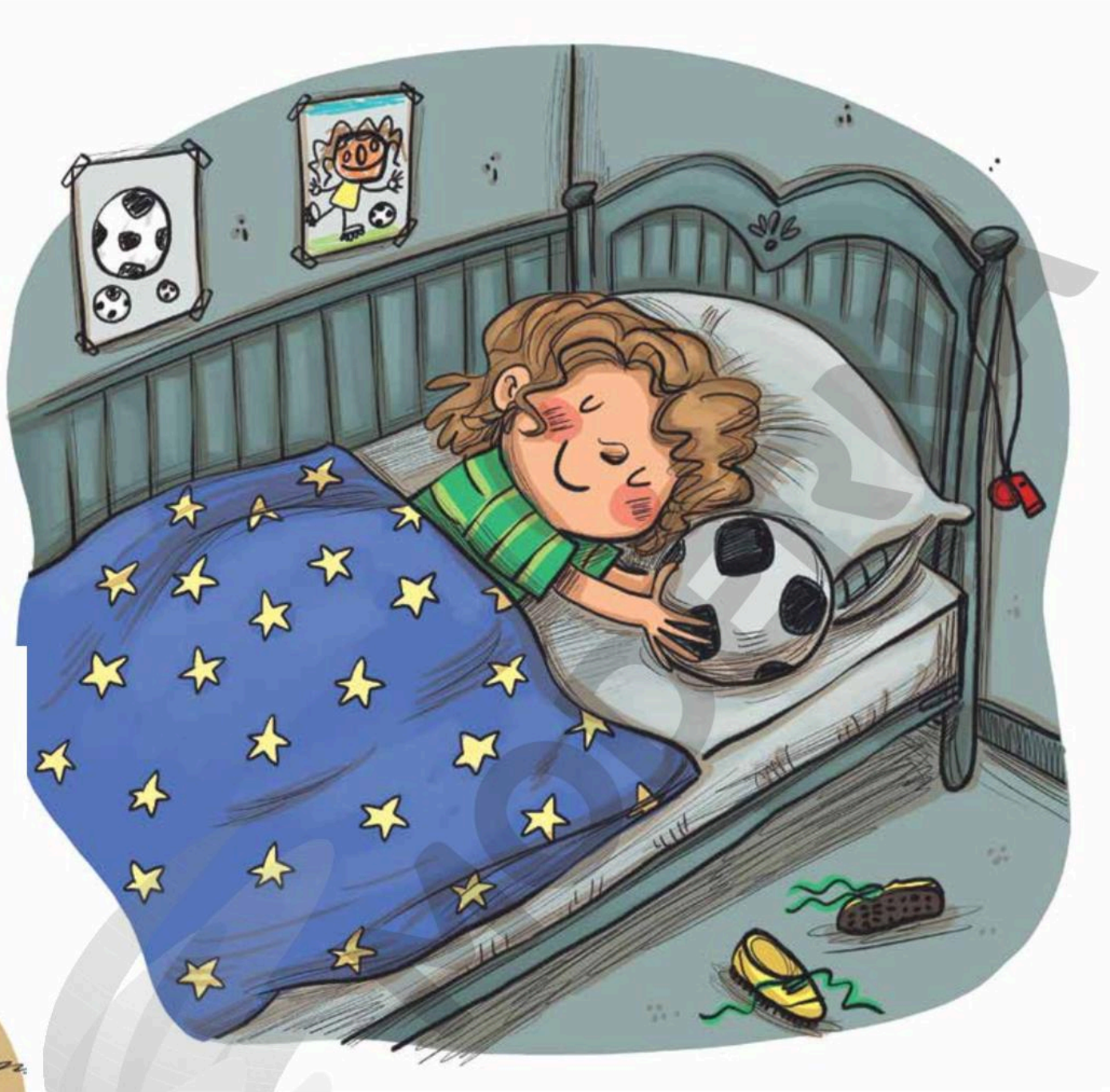
O time de Ana estava eufórico.

**— ALFREDINHO, VAI UM CAFÉ COM LEITE?** – gritou Mateus.

A risada foi geral. E, a partir daquele gol, Ana sempre fazia parte do time do bairro, era **DISPUTADA PELOS OUTROS TIMES**, que queriam ter a **MELHOR JOGADORA DE FUTEBOL DO MUNDO** na sua equipe.



MODERNA



Ana continuou crescendo, brincando de boneca, pulando amarelinha e corda, **MAS SUA PAIXÃO ERA MESMO O FUTEBOL.**




**ILAN BRENMAN** é filho de argentinos, neto de russos e poloneses. Nasceu em Israel em 1973 e veio para o Brasil em 1979. Naturalizado brasileiro, morou a vida inteira em São Paulo, onde continua criando suas histórias.

Ilan fez mestrado e doutorado na Faculdade de Educação da USP, ambos defendendo uma literatura infantil e juvenil livre dos preceitos do "politicamente correto" e com muito respeito à inteligência e à sensibilidade da criança e do jovem leitor.

Recebeu diversos prêmios, entre eles o selo "Altamente Recomendável" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, os 30 melhores livros do ano pela revista *Crescer* e o prêmio White Ravens (Alemanha), o que significa fazer parte do melhor que foi publicado no mundo.

Seus livros foram publicados na França, Itália, Alemanha, Polônia, Espanha, Suécia, Dinamarca, Argentina, Coreia do Sul, China, no Chile e em Taiwan.

Atualmente percorre o Brasil e o mundo dando palestras e participando de mesas de debate em feiras de livros, escolas e universidades sobre temas contemporâneos nas áreas de cultura, família, literatura e educação.

A história que você acabou de ler foi inspirada em uma das filhas do autor, que amava futebol quando era pequena. Hoje, já adolescente, ama o handebol. Quem sabe qual será sua próxima paixão esportiva?




**LUCÍA SERRANO** nasceu em 1983 em Madrid. Ainda criança decidiu que quando crescesse seria "contadora de histórias", mas dessas que contam tanto com as palavras como com as imagens. Para Lucía, a imaginação era a coisa mais importante do mundo. Anos depois, estudou Artes Plásticas e, quando se formou, mudou-se para Barcelona, onde vive até hoje. Teve grandes professores de ilustração e pôde publicar muitos contos, como autora e ilustradora, com os quais recebeu vários prêmios.

MODERNA

## QUE HISTÓRIA É ESSA?

*Por Luciana Alvarez*

Uma menina pode gostar de futebol? Claro que pode! Assim como um menino tem todo o direito de não gostar. Embora hoje em dia as pessoas já admitam que as mulheres pratiquem esse esporte tão popular, muitas vezes ainda é difícil para elas encontrarem oportunidades para jogar.

Neste conto, Ana, uma menina de 7 anos que ama futebol, vence o preconceito de que meninas não podem jogar bola. Depois de um tempo fazendo o papel de árbitra na brincadeira dos meninos, ela consegue uma vaga no time e acaba provando para todos que é boa no esporte. Um **conto** costuma ser assim: uma história curtinha, que mostra um problema e, depois de alguns momentos de tensão, dá uma solução. Neste caso aqui, foi uma solução boa para todos, tanto para Ana quanto para os meninos, que ganharam uma supercraque no time.

Por ser curto, o conto envolve poucos personagens e costuma se passar em um só local, durante um período breve. É como se mostrasse só uma "fatia" da vida de um ou dois personagens. O narrador não conta se Ana continuou jogando por vários anos. Será que montou um time feminino com suas amigas? Será que ela se tornou atleta profissional e viajou pelo mundo? Para essa narrativa, o que importa é que ela teve sucesso no time do irmão. O resto fica por conta da imaginação do leitor.

Por ser tão gostoso de ler, ouvir e contar, o conto é um gênero comum na literatura de forma geral, não só na infantil, mas naquela feita para adultos. E é também muito antigo: as primeiras coletâneas escritas são de antes de Cristo. Os estudiosos dizem que o conto faz parte da natureza humana: como vive em grupos, o ser humano precisa se comunicar, dizer o que sente, narrar o que viu ou imaginou.

Quem escreveu este conto chama-se Ilan Brenman, um autor que já recebeu vários prêmios e tem mais de 70 livros publicados no Brasil e alguns deles até no exterior. Ele adora escrever todo o tipo de narrativas e diz que isso tem relação com suas origens cheias de misturas. Ilan se naturalizou brasileiro, mas nasceu em outro país, Israel.

Para conseguir escrever histórias que conquistam tanta gente, ele estudou muito. Fez faculdade, mestrado e doutorado, que são cursos que todos podemos fazer depois de terminar a escola.

Além do que está escrito, a obra é composta também pelas ilustrações de Lucía Serrano. As imagens são engraçadas, coloridas e, de certa forma, até complementam a história. Note que há dois personagens silenciosos, sem nome, mas que estão presentes na maior parte das páginas:

a boneca de Ana e um diminuto besouro azul, que aparece em algumas imagens que retratam o campinho de futebol. Repare que suas expressões mudam de acordo com a situação.

Lucía, que nasceu na Espanha, diz que desde criança sabia que queria ser uma contadora de histórias, mas que gosta mesmo de contá-las por meio das imagens, em vez de usar palavras. Estamos mesmo rodeados de imagens e, por meio delas, podemos entender muito do mundo que nos cerca, ou do livro que lemos. Ela nem precisou aprender português para "conversar" com o leitor brasileiro.

**E eu com isso?**

Você já parou para pensar em quantas meninas da sua turma gostam de jogar futebol? Será que mesmo hoje em dia é difícil para uma garota gostar de futebol? Não é com todo mundo, mas há meninas que são desencorajadas a jogar por suas famílias, pelos professores e até pelos colegas.

O Brasil tem uma jogadora fenomenal, chamada Marta. Ela é a única atleta que recebeu seis vezes o prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo! Hoje ela é muito admirada e serve de inspiração para muitas meninas, mas ela conta que antes do sucesso teve que enfrentar muito preconceito para conseguir se dedicar ao esporte que ama.

E já foi bem pior. Cerca de 80 anos atrás, uma lei proibiu as mulheres de jogar futebol, alegando que o esporte era "incompatível com a natureza feminina". Elas só foram autorizadas a voltar aos campos quase 40 anos depois. Mesmo na época da proibição, algumas pessoas sabiam que tudo isso era besteira.

Na história do mundo, meninas e mulheres já foram proibidas de muitas coisas, além do futebol. Coisas que hoje são direitos de todos, como votar, ter conta em banco, dirigir carros, se candidatar para a presidência do país. Já houve época em que as meninas nem podiam ir à escola!

Infelizmente, em diversos lugares do mundo, meninas e mulheres ainda enfrentam uma série de proibições absurdas, o que precisa ser mudado. Algumas desafiam as proibições, como Malala Yousafzai. Ela se recusava a abandonar a escola como mandavam os homens do grupo fundamentalista Talibã, que controla a região em que morava. Por defender suas ideias, em 2012, quando tinha somente 15 anos, Malala levou três tiros enquanto estava no ônibus, voltando da escola para casa. Ela sobreviveu e continua até hoje lutando para que todas as meninas possam estudar. Por causa disso, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2014.

Meninas e meninos têm direito de ir à escola e de brincar. Podem gostar igualmente de matemática e ciências, praticar dança ou futebol.